

SOLILÓQUIO 05

Então, isso: a informação de que as escadas aqui não levam a lugar algum.

Se eu me afastar, desse jeito, como se eu pudesse lembrar do que estou vivendo agora, como se eu pudesse, nostalgicamente, ter a consciência do que ainda não tenho, se torna menos doloroso estar presa e andar em círculos.

Eu estou cercada de histeria – uma tristeza forjada porque *ah! é tão duro envelhecer* e depois falamos exatamente disso. Disso: dessas coisas que envolvem você ser alguém que pretende se afastar de todas as tentativas de existência

Esse homem, esse forasteiro, tem exatamente essa postura de quem sabe que vai sentir falta não como protagonista, mas como alguém que esteve e que não poderia estar em nenhum outro lugar. O que restou é aqui.

Aqui embaixo passa um rio. Um precipício cercado de pinheiros. No fundo, água. E há quem diga que a minha tristeza é porque estou sempre encharcada. É que eu já estive lá. Eu mergulhei e quase cheguei até o outro lado. E fui até embaixo tentando escapar da superfície. Eu quase cheguei até o outro lado. E não foi só uma vez. Sempre que é impossível ficar, eu ultrapasso esse limite e caio na água. Me deixo afundar desejando que seja esse o momento da perfeição. Cercada de ruídos da submersão.

É quando algo me impulsiona: depois de quase atingir, algo me impulsiona e surjo eu, outra vez, molhada e mais triste por não conseguir sair.

Mas o meu adeus está ensaiado. A minha saída vai ser assim.

Agora: encontre alguém a quem você possa mentir dizendo se tratar de um equívoco, grite: "é tudo um equívoco" e explique-se. Desesperadamente explique-se com palavras novas e sonoras e quando outros se aproximarem diga coisas que soem interessantes e tenha no rosto uma expressão de quem ama e odeia em intensidades semelhantes, com sensações que orbitam ao redor de um mesmo conteúdo - ainda que seja inexistente ou desconhecido.

Se alguém me fotografar – porque certamente farão fotos – tenho que me certificar de que serão queimadas, rasgadas, escondidas, descartadas. Vai ser terrível se eu estiver em algum registro que não o da memória, perecível e instável.

A falta de esclarecimento está generalizada. Diga que elas estão com algum canal – não sei qual – obstruído. Fale sobre portas e aberturas e percepção e recepção e diga coisas que lembrem discursos pacificadores, mas que sirvam também para exaltar as genialidades incendiárias que te agradam.

Pareça mais próxima de quem não lhe convém. Instrua estranhos a pegarem atalhos e a rasgarem convites. Por puro sadismo mostre o caminho para passagens subterrâneas em que você nunca esteve, mas desconfia que existem. Indique as entradas, os becos, os clubes de amor esquecidos.

E reclame, sempre reclame sobre a ausência do horizonte. Diga como é impossível viver sem ter ao alcance dos olhos essa linha longínqua e horizontal. Faça todos entenderem que o que você pensa ser teu problema e a tua salvação é essa cidade.

Pinheiros e Precipícios: Francisco Mallmann